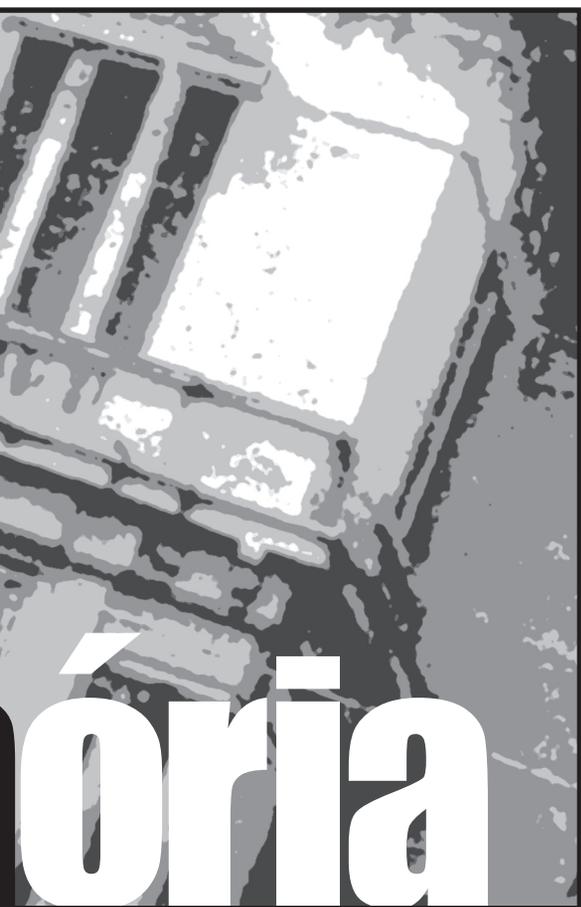


**mem**

JOÃO BAPTISTA BORGES PEREIRA



# Uma das derradeiras congregações da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL)

**JOÃO BAPTISTA  
BORGES PEREIRA**  
é antropólogo e professor  
emérito da FFLCH-USP.

Os mais jovens, ou menos avisados, habituados à sigla FFLCH, que determina a geração de alunos e professores apelidou com certo mau gosto de *FEFELECHE*, irão estranhar o título. Aqueles que conhecem a nossa história cantada e decantada, quase sempre com certa dose de entusiasmo, sabem que a atual Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH – é o resultado do desmembramento da chamada antiga Filosofia. No transcorrer de 1969-70, as exatas e biológicas básicas, a psicologia e a pedagogia desprenderam-se da decantada *célula máter* da USP e se constituíram em unidades autônomas. Para alguns, essas novas unidades se desligaram naturalmente do corpo materno como resultante inexorável de um processo de amadurecimento e desenvolvimento de áreas específicas do saber. Elas teriam se libertado, pois, do acanhamento institucional a que estavam submetidas pela história. Para outros, essas áreas teriam sido desmembradas por uma força extra-universidade, desencadeada ou, pelo menos, estimulada pelo governo militar, que sempre encarou a FFCL como forte foco de oposição ao regime. Desmembrar a “velha Filosofia” significou, na opinião de muitos, a maneira menos traumática de enfraquecê-la, pois tal iniciativa baseava-se em razões acadêmicas. Sejam quais tenham sido as razões, o desmembramento se deu e hoje, apesar das pressões daqueles dias sombrios, a “velha Filosofia” se reconstruiu a partir de seu núcleo intacto voltado para as humanidades. Por isso é considerada continuadora, histórica e simbólica, da Faculdade primordial.

Neste texto, proponho-me a retratar a última congregação havida naquela Faculdade fundada em 1934, antes de sua fragmentação. Era, portanto, o colegiado de uma unidade plural, onde, ainda, conviviam, nem sempre harmoniosamente, “gregos” e “troianos”.

A Congregação estava reunida num amplo, despojado e improvisado salão de um prédio, também improvisado, que se tornou, com alguns retoques, definitivo, pelo menos até os dias atuais. Todos co-

nhecem aquele prédio achatado e cinzento, como se fosse a própria linha do horizonte, defronte à estilosa FAU, ninho de famosos arquitetos do Brasil. Mas poucos sabem que aquele prédio não passava de um esqueleto em posição vertical de futuro edifício a ser destinado a outro órgão da Reitoria. Quando a FFCL foi obrigada a deixar, em 1968, a velha e acanhada sede da hoje mitológica Maria Antonia, fomos todos alojados, apressada e precariamente, na Cidade Universitária. Depois de um período hospedados por colegas solidários, fomos instalados, por anos e anos, em barracões improvisados ao lado do prédio que, pouco e pouco, passou a ser chamado de Reitoria velha. Para instalar a diretoria, a administração e os colegiados da FFCL, apanharam o esqueleto vertical do prédio inacabado e simplesmente o colocaram na posição horizontal.

Naquela tarde, na sala sem ar condicionado, voltada para o poente, o calor era intenso. A Congregação era presidida pelo diretor da Faculdade, prof. Eurípides Simões de Paula, que negociara e comandara a nossa mudança apressada da Maria Antonia para o *campus* do Butantã. Eurípides era espécie de personalidade-ponte entre todos, pois todos o respeitavam e tinham por ele grande apreço. Além do mais, ele combatera o nazi-fascismo nos campos da Itália, como oficial da FEB. Naquele instante ingrato da vida nacional, o prof. Eurípides se transformou para nós, da Faculdade, no homem providencial que, sem quebrar seus princípios democráticos e seu estilo de liderança, ajudou-nos a contornar situações políticas que poderiam nos afetar seriamente.

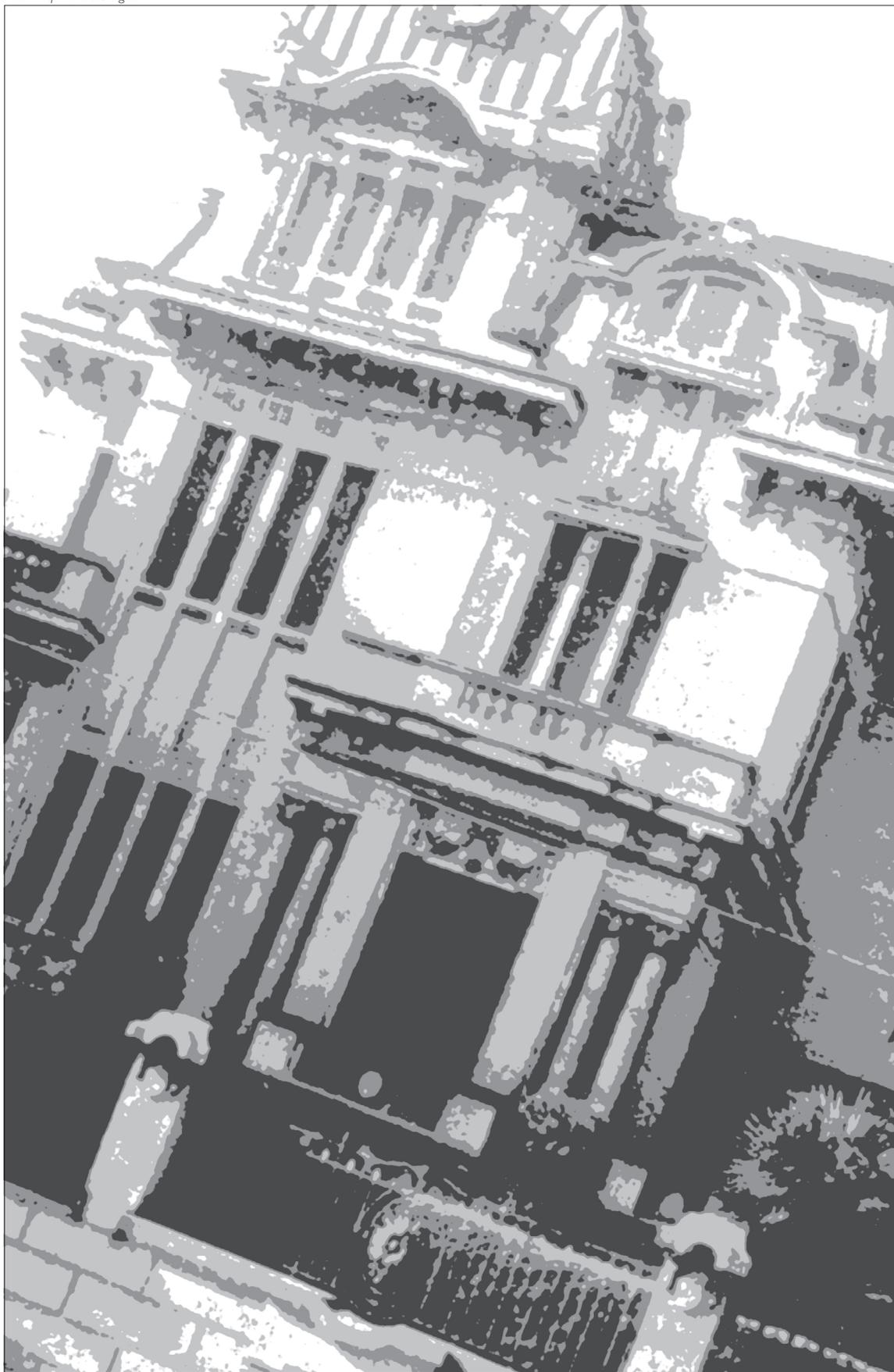
À mesa diretora, como costume da época, estavam apenas o presidente e seu competentíssimo secretário, Eduardo Ayrosa, de paletó e gravata, como de paletó e gravata estavam todos os membros masculinos de uma congregação predominantemente masculina. Sérios, quase solenes, sentavam-se em cadeiras improvisadas distribuídas por duas alas, separadas por extenso corredor relativamente espaçoso, como que desenhando no espaço binário as

tendências político-ideológicas do colegiado. Esse o ambiente físico-político que me esperava quando transpus o limiar da porta. Eu era um neófito em congregação. Deveria ser a segunda, terceira, talvez a quarta reunião a que comparecia, na qualidade de único professor livre-docente que havia assumido a regência da cadeira de Antropologia, cujo catedrático, dr. Egon Schaden, se aposentara precoce e apressadamente para exercer funções docentes na Universidade de Bonn, Alemanha, terra de seus avós. Como da vez primeira, ao olhar todos aqueles solenes e engravatados senhores, me senti pousando num ninho estranho. Vinha de uma geração mais nova e mais informal, sem paletó e sem gravata, em que professores e alunos, pela idade e visual, se confundiam pelos corredores da Faculdade. Numa atitude de autodefesa sentei-me no fundo do salão para não sentir os olhares eventualmente reprovadores dos colegas. Mal me havia aconchegado naquele lugar, quando entra na sala o prof. Fernando Henrique Cardoso, talvez sua primeira congregação após assumir a cátedra de Ciência Política, cujo concurso causara tanta celeuma entre estudantes. Isso porque, após, juntamente com o prof. Florestan Fernandes, encetar campanhas a favor da substituição das cátedras pelo regime departamental, resolvera disputar a vaga deixada pela morte inesperada do prof. Lourival Gomes Machado, ocorrida na Itália. O clamor e a cobrança foram imediatos e enérgicos por parte daqueles que estavam nas trincheiras pró-departamento, mas não foram suficientes para fazê-lo mudar de idéia. Portanto, como recém-catedrático, que meses depois seria impiedosamente cassado pelo AI-5, Fernando Henrique chegava àquela congregação formal, trajando calça esporte bege e camisa vermelha, calçando sandálias. Tenho a impressão de que ele sentiu o mesmo impacto ou constrangimento que experimentei, pois sentou-se ao meu lado, discretamente, lá no fundão. Já éramos dois informais naquele ambiente formal, um a se amparar, tacitamente, no outro. Nem bem a congregação se havia aquietado ou deglutido a

nossa presença transgressora, ingressa na sala o prof. Mário Guimarães Ferri. Era a primeira congregação a que o ex-reitor comparecia, após o dramático episódio em que alunos invadiram a reitoria e, ignorando a presença do então reitor Ferri, sapataram sobre sua mesa. Segundo versões correntes à época, o fato levou-o a deixar a reitoria, após uma crise cardíaca que o manteve meses fora de suas atividades na USP. Quem conheceu o prof. Ferri lembrar-se-á logo de uma pessoa relativamente jovem, muito polido no trato, lacônico, rosto sisudo, cabelo bem cortado, roupas sempre escuras. Tudo nele compunha um perfil extremamente formal. Naquela tarde quente, entra, porta adentro, um prof. Ferri metamorfoseado, causando espanto em toda a platéia: cabelos longos até a altura dos ombros, barba intencionalmente por fazer, calças *jeans*, camisa florida aberta ao peito, no qual brilhava medalhão preso ao pescoço.

Na sua descontração, que às vezes beirava a irreverência, o prof. Eurípides dirigiu-se ao plenário, por meio de frases das quais nunca me esqueci. “Turma” (em ocasiões menos conturbadas, ele teria usado a sua expressão favorita: “macacada”), “primeiro foi o João Baptista; depois o Fernando Henrique; agora é o reitor que está tão à vontade. Vamos seguir o exemplo do magnífico, pois o calor está de lascar”. Levantou-se, tirou a gravata e o paletó. Nem todos aceitaram a sugestão do presidente, mas pessoalmente senti-me liberado dos olhares que censuravam, agora, graças ao prof. Ferri, minha discreta informalidade.

Porta fechada. Finalmente principia a congregação. À certa altura entra em pauta um assunto espinhoso: a renovação de contratos de professores catedráticos, ou em regência de cátedra, entre os quais, o de uma conhecida psicóloga social – que uma ala não aceitava, e a outra defendia. O porta-voz e líder da primeira ala era o prof. Florestan Fernandes, misto de fortaleza compacta e trator. O da segunda, o prof. Laerte Ramos de Carvalho, que se notabilizou depois, sob críticas, como reitor da UnB. Era brilhante na defesa de seus pon-



tos de vista e implacável, como Florestan Fernandes, nos ataques. A tensão entre as duas alas foi se aguçando e se manifestava em torno de todos os itens de extensa pauta – a pauta da liquidação da FFCL –, envolvendo sempre em polêmicas diretas os dois líderes. A bem da verdade, o clima no colegiado já vinha se azedando desde a Maria Antonia, quando a congregação foi invadida por alunos sob a liderança de um jovem professor de filosofia. Nesse episódio, o grupo desrespeitou publicamente o prof. Florestan Fernandes, que tentava mediar o conflito, e agrediu fisicamente vários professores, entre os quais, lembro-me bem, estavam Sérgio Buarque de Holanda, Oscar Salla e Jaime Tiomno, então recém-contratado pela Faculdade.

Mas voltemos à derradeira congregação da FFCL. O prof. Simões de Paula encerra a sessão, depois de horas de pesados duelos verbais entre os profs. Florestan e Laerte. Saímos todos daquele ambiente crispado, nada confortável, onde não houvera uma pausa sequer para um diálogo mais ameno. Cada qual foi para o seu lado. Eu permaneci certo tempo no saguão, meditando sobre toda aquela experiência e os tempos históricos espinhosos que então vivíamos, quando o prof. Florestan aproximou-se e, em nome da amizade que nos unia há tanto tempo, pediu-me que eu levasse o prof. Laerte para a redação de *O Estado de S. Paulo*, na Major Quedinho. E justificava seu pedido: “O Laerte não está bem de saúde, é meu compadre e amigo, está sem condução. Eu não posso deixá-lo aqui abandonado, mas tenho outros compromissos que me impedem de fazer isto”. Achei mais delicado não checar suas razões. Simplesmente, concordei. Florestan saiu alegre. De repente, voltou-se e me fez uma última recomendação: “Não diga ao Laerte que eu lhe fiz este pedido. Ofereça a condução com naturalidade”. Concordei, uma vez mais. Passos adiantes encontrei o prof. Laerte e lhe ofereci carona. “Mas você vai sair do seu trajeto?” Ele conhecia bem o meu trajeto, pois éramos vizinhos em

Moema, ele residente na Av. Pavão e eu, na Av. Rouxinol, a alguns quarteirões da casa do prof. Florestan. Era na residência do prof. Laerte, em que fui pela primeira vez levado pelo prof. Florestan, que, às vezes, nos reuníamos para, entre outras coisas, ouvir o conjunto do prof. Leônidas Casanova, formado pelos seus filhos, executar o seu rico repertório de sambas. Só que essas reuniões pareciam-me, naquela tarde, irrecuperáveis, tão distantes estavam no tempo. Elas vinham de época em que as alas antagônicas estavam misturadas, acotovelando-se em alegres reuniões. O coro dos contrários se afinava num diapasão democrático, que ia aos poucos sendo estraçalhado. Segundo versões correntes, fora nessa mesma casa que, durante dias, Laerte teria acolhido e escondido Florestan, visando a livrá-lo de perseguição político-policial desencadeada pelo regime militar.

Finalmente, depois da tensa congregação, estávamos indo em direção ao centro, à redação do jornal. Laerte, ao ouvir as minhas explicações sobre a mudança de itinerário, foi logo me dizendo: “Eu sei que foi o Florestan que lhe pediu para fazer isso por mim. Ele é briguento, sempre foi, mas tem um coração mole e doce”. E concluiu: “Eu também”.

Deixei o prof. Laerte Ramos de Carvalho, o compadre do prof. Florestan Fernandes, na redação da Major Quedinho. Depois pus-me a pensar: como a divisão política do país, embora ainda não houvesse conseguido desmanchar totalmente uma relação de amizade sólida, iria aos poucos esgarçando uma delicada teia de afeições pessoais construída ao longo de anos e anos de convívio humano. Certamente, um crítico atual desses tempos felizmente superados, baseado apenas em considerações de ordem formal, dificilmente poderia trazer à luz essa dimensão humana de dois expressivos acadêmicos da USP, que foram, irredutivelmente, colocados, pela história do país, em posições dicotômicas na história da Instituição.